

BRITO BROCA E ALEXANDRE EULALIO: DOIS VIAJANTES ¹

BERTA WALDMAN

Universidade Estadual de Campinas

Antonio Candido acerta quando lembra, em seu prefácio aos *Ensaio da mão canhestra*, que para melhor caracterizar Brito Broca é preciso restaurar e matizar o conceito de "cronista". Trata-se não do conceito que se aplica, nos dias de hoje, a certo tipo de jornalismo leve e casual, mas daquele que entende a crônica como narração concatenada de fatos, como história ou biografia baseada no relato minucioso do acontecido, recheado de pormenores pitorescos, e a capacidade de os fazer falar. Enquanto descreve, enumera e detalha, o cronista, ao mesmo tempo, sugere, desvenda e analisa.

Juntando tudo aquilo que uma visão microscópica é capaz de captar: miudezas, dados esquecidos, notas e edições raras, sugestões de estilos, curiosidades históricas e biográficas -, ao exercício da faculdade de síntese, Brito Broca foi montando painéis históricos arranjados a partir de instantâneos da vida literária brasileira.

Leitor incansável e apaixonado que foi, é normal que Brito Broca tenha encontrado em Alexandre Eulalio um grande admirador. Afinal, há entre ambos muitos pontos de confluência.

O amor pela literatura, a curiosidade instigante, o alto nível de preparo intelectual, a capacidade de pesquisa, são marcas distintivas tanto do trabalho de Brito Broca como do de Alexandre Eulalio. É ainda marca distintiva que une os dois amigos a impressionante soma de informações que seus textos difundem - o que demanda, além de grande capacidade de trabalho, notável rapidez de execução, rapidez essa que pressionava mais a Brito Broca que a Alexandre Eulalio, já que o primeiro se dedicou à atividade jornalística durante toda a vida.

Embora Alexandre Eulalio também tenha se dedicado ao jornalismo - no jornal, ele desenvolveu a crítica literária, crítica de teatro, de cinema e de artes plásticas, além de algo como crônica de viagem -, essa atividade sofreu interrupções, o que lhe propiciou condições de trabalho, de reflexão e de elaboração que faltaram a Brito Broca.

Numa conferência em Guaratinguetá² que Alexandre Eulalio faz para homenagear o amigo já falecido, ele conta que conheceu Brito Broca dois ou três anos antes de ingressar no INL, apresentado por um amigo comum - Carlos David - na sucursal de *A Gazeta*, edifício Odeon.

Movido pela admiração que lhe havia causado o ensaio de Brito Broca sobre Coelho Neto ficcionista, publicado na coletânea *O Romance Brasileiro* que as Edições O Cruzeiro acabavam de estampar, Alexandre pediu ao amigo comum que o levasse ao escritor. Conta Alexandre, que o estudo de Brito Broca foi uma revelação para ele - revelação que vinha a confirmar a descoberta que o livro *Prosa de*

Ficção - 1870-1920, de Lúcia-Miguel-Pereira, uns anos antes lhe havia proporcionado.

Apesar da vivacidade com que Brito Broca procurava refutar as opiniões de Lúcia-Miguel-Pereira sobre Coelho Neto, o revisionismo crítico e valorativo de ambos era o mesmo e pertencia a um estado de espírito coletivo para o qual ambos influíram de modo decisivo.

Nesse ensaio sobre Coelho Neto romancista, hoje inserido no volume **Ensaaios da mão canhestra**, Brito Broca estuda os romances do autor a contrapelo da crítica que esse escritor vinha recebendo a partir de 1922. Embora reconhecendo a irregularidade da obra em seu conjunto, Brito Broca destaca-lhe as qualidades e aponta seus pontos falhos com liberdade e isenção, atribuindo ao movimento modernista a orientação negativa da opinião da crítica com relação ao autor. Depois de ocupar um lugar central nos anos que vão de 1910 a 1930, o romance de Coelho Neto cai no descrédito e na exclusão pelo ridículo nos anos subsequentes. Se a ruptura modernista promoveu uma superação necessária com relação ao passado, ela motivou também uma desqualificação, muitas vezes excessiva, que, segundo Brito Broca, merecia ser revista.

Com relação a Coelho Neto, Brito foi artífice principal dessa revisão, fazendo-a de modo objetivo e equilibrado. Ele não é encomiástico com relação ao Príncipe dos Prosadores, mas consegue fazer sua avaliação crítica distinguindo as qualidades e os limites da obra. Nessa revalorização, o autor trabalha também comparativamente, lembrando que não é razoável a severidade com o autor que ele defende, numa literatura que acolhe bem Franklin Távora, Alfredo de Taunay e mesmo Graça Aranha, adversário oficial de Coelho Neto.

Uma vez apresentados, Alexandre Eulálio passa a visitar regularmente Brito Broca, no jornal **A Gazeta**, no final do expediente (por volta das seis horas da tarde). Tais visitas amudaram-se quando Alexandre Eulálio começa a trabalhar no INL, em janeiro de 1956. Encontravam-se pelo menos duas vezes por semana, e as conversas sobre leituras eram tão esticadas que se prolongavam pela "Cantina do Curió", no mesmo edifício Odeon de **A Gazeta**, lugar onde Brito Broca jantava.

Da cantina, Alexandre Eulálio acompanhava o amigo até a casa, o "Hotel Perfeito", na Avenida Presidente Vargas, onde Brito ocupava um quarto que transbordava de livros. Conta Alexandre, que a confusão no quarto era tanta que Brito, para não perder seu material de pesquisa em meio aos livros que se empilhavam, publicava os apontamentos em forma de artigos de jornal.

Alexandre se deu conta dessa estratégia numa ocasião em que selecionou alguns textos de Brito Broca para publicar um volume pelo INL, e este pôs de lado uma série deles, explicando que aqueles constituíam matéria de seus outros volumes sobre a vida literária brasileira, do período colonial e da monarquia (volumes, aliás, anunciados no prefácio de **A vida Literária no Brasil - 1900.**)

Se a entrada de Alexandre Eulálio no INL marca o estreitamento de sua amizade com Brito Broca, a empreitada de dirigirem juntos - apoiados por outros companheiros mais - a **Revista do Livro**, editada pelo INL, marca um momento de solidariedade intelectual que foi capaz de gerar um produto de alto nível e de prestar um grande serviço à cultura brasileira.

Durante trinta anos Brito Broca militou na grande imprensa. Jornalista de vasto raio de ação, conseguiu o prodígio de ser didático e ao mesmo tempo produzir texto de nível, que espalhou pelas revistas e jornais os mais diversos. Ele escreveu desde reportagem e entrevista até o ensaio e a história, sem esquecer a divulgação de tipo ameno, o diário de viagem, a notação impressionista, a crítica literária e o memorialismo. Espírito metódico dentro da aparente desarrumação de

suas coisas, a vocação profunda de Brito Broca ensaísta seria, segundo A. Eulalio, de historiador do gosto, da cultura e das idéias literárias.

Segundo Alexandre, ainda, a necessidade de produção constante e inadiável, o texto escrito para consumo direto e imediato, próprio ao jornalismo, teria obrigado Brito Broca a postergar sempre a redação definitiva e ideal a que sempre com certeza, aspirou, contrariando a realização de um pleno esforço criativo.

Mas, se provoca dispersão, é da experiência jornalística que Brito incorpora um modo de escrever voltado para a comunicação de algo concreto e objetivo. Contrário a divagações, seu interesse era informar, precisar a informação, comunicando de modo claro todos os dados disponíveis sobre determinado assunto. Para ele, a linguagem eficaz é a que não distrai do significado. E como seu horizonte de trabalho vai se ampliando na conquista de um número cada vez maior de pontos de referência, ele acabou produzindo painéis de nossa história literária e contribuindo para um levantamento mais preciso da vida cultural no Brasil.

Uma curiosidade natural e intensa levou Brito Broca muito cedo às enciclopédias e aos compêndios, de onde extraiu informações que, como jornalista, tratou de divulgar entre o grande público. A essa curiosidade básica o autor aliou, mais tarde, o trabalho de pesquisa, o que trouxe valiosa contribuição para a originalidade de seus pontos de vista.

Seu interesse foi de largo espectro, ultrapassando os limites da literatura e da vida literária brasileira. Desde a adolescência teve acesso à cultura francesa, assim como à espanhola e hispano-americana, à italiana e à portuguesa (sem falar de seus trabalhos sobre literatura russa e norueguesa). Assim, além de ter traduzido muito, Brito Broca tentou também coordenar seus conhecimentos de outras literaturas, aproximando-os da literatura brasileira, sem deslumbramentos provincianos, apoiado sempre por um recuo crítico.

Alexandre Eulalio (ainda em sua conferência de abertura da Semana em homenagem a Brito Broca, em Guaratinguetá, 1965)³ assinala que a decifração do Brasil empreendida por Brito Broca toma sentido na somatória de dois ângulos de visão simultâneos: um, mais de fora, apoiado no conhecimento das letras francesas modernas e contemporâneas; outro, de dentro, que vem da meditação sobre a vida literária de que ele participa na pele do cronista Lauro Rosas que, no jornal *A Gazeta*, comenta e glosa, de São Paulo, foco do movimento modernista, a atualidade literária.

Jogando com os dois focos: a distância e a pertença ao mesmo tempo, Brito Broca calibra o seu olhar de que não se isenta a crítica nem tampouco certa adesão. Mas é curioso observar que sua adesão recai preferencialmente sobre os escritores menores.

É ainda um lugar de equilíbrio que Brito Broca ocupa ao se situar entre o sentimento do passado e a vontade de reforma, a vida literária passada e presente, de modo que o escritor está à vontade nos dois lugares, tentando compreender tanto o fenômeno do passado como do presente. Seu interesse pelos movimentos de renovação se faz sem excessos, sem os preconceitos naturais que levariam um jovem provinciano a aderir à novidade sem espírito crítico.

Nessa dedicação voltada tanto ao passado como ao moderno e contemporâneo, também se encontram Brito Broca e Alexandre Eulalio. A série de ensaios que Alexandre dedica à literatura colonial tem, no conjunto de sua obra, um peso análogo à série que dedica à literatura moderna e contemporânea, sem esquecer a série machadiana que faz a ponte entre os dois momentos.

Alexandre destaca, em diferentes textos seus sobre Brito Broca, a coerência em todas as manifestações escritas do amigo. Essa coerência parece ter sua

amarra na memória. Diz Alexandre (Conferência de Guaratinguetá) que a memória, ao lado da imaginação, constitui o vértice da vida interior de Brito, ao ponto de se poder dizer, sem exagero, que a sua obra forma círculos concêntricos em torno da experiência profunda do homem.

As primeiras sensações, as lembranças do menino, as sombras familiares, assumem aí importância decisiva. A princípio de modo ocasional, depois insistente, afinal obsessivo, o escritor teria se encaminhado muito cedo para a reconquista do tempo passado - o tempo fabuloso de "quando havia província".

Desde a década de 30 começam a aparecer, entre artigos de crítica e ensaios, os fragmentos de uma evocação sempre mais urgente do meio familiar e rural. Até mesmo Alceste deixa de lado toda a misantropia a fim de rememorar a infância em páginas cheias de emoção.

Resultou dessas investidas na memória o livro *Quando havia província* - restaurado e recuperado por Francisco de Assis Barbosa - que completou a parte estabelecida por Brito, com textos esparsos, anteriormente divulgados como fragmentos autônomos pelo autor - aparecendo em 1968 com o título *Memórias*.

Aí, Guará (Guaratinguetá) é a personagem principal. "Miniatura do mundo, ela foi a medida com a qual o menino pôde calcular comovido, a grandeza e a pequenez inseparáveis da terra".⁴

Nesse livro de memórias, Brito Broca vai firme e fundo em direção a fatos concretos, recriados até os mínimos detalhes pela memória prodigiosa que nada esquecia: sons, cheiros, gestos, palavras.

Quando escapa da memória pessoal, Brito Broca ainda permanece no eixo da memória, na medida em que tenta, à maneira de um arqueólogo, reconstruir a história visível e palpável da vida literária.

Já a curiosidade irrefreável que o leva muito cedo para os livros, espécie transposta de descoberta do mundo, confirma sua inclinação para o novo e para as experiências que um temperamento crítico, apegado à coerência, logo torna revisionista.

Olhando com alguma distância a produção de Brito Broca e a de Alexandre Eulalio, nota-se que a amizade que os uniu passa por afinidades intelectuais.

Acima de tudo, os dois foram grandes leitores e leitores apaixonados pela literatura. Resultou da forte adesão ao seu objeto um tipo de trabalho que também apresenta o seu costado comum.

Do ponto de vista da estrutura, o texto de Brito Broca organiza-se mais ou menos da seguinte maneira:

- de início, lança um foco de luz que ilumina um ponto;
- a partir desse centro, o texto desliza metonimicamente para as adjacências, numa tentativa de juntar o maior número possível de pontos de referência;
- dessa maneira, vão-se ampliando "claros" pela justaposição de dados, resultando daí um conjunto que reúne o mais e o menos importante, sem articulações.

As articulações não se fazem, penso, porque o autor não trabalha a partir de pressupostos teóricos ou críticos. Nesse sentido, ele é, acima de tudo, um comentador, o que não desmerece, em absoluto, o seu texto.

Já o texto de Alexandre Eulalio, embora apresente pontos de articulação

claros, também opera por expansão metonímica, por justaposição, compondo um estilo "pontilhista" que mantém os traços de conversa de tipo errático que Alexandre alimentava.

Outro aspecto comum aos dois amigos é que ambos desenvolveram o ensaio curto, o que, no caso de Brito Broca, pode se explicar pelos limites impostos ao trabalho jornalístico. De qualquer forma, graças ao tipo de desenvolvimento metonímico que os caracteriza, os ensaios, embora curtos, são potencialmente capazes de integrar um conjunto mais amplo.

Mas se a forma aproxima Alexandre Eulalio de Brito Broca, a expressão os distancia. O estilo de Brito é discreto, tende à palavra tosca que não distraia do significado. Já Alexandre é um cavocador do estilo, um "reescritor" de seus próprios textos, que convoca o léxico e a sintaxe erudita, fazendo-os contracenar com um tipo de linguagem de tom coloquial. O resultado é precioso e nos momentos de mais alta realização produz um estilo elegante, vivo e bem expressivo.

O que pretendo mesmo dizer é que essa forma errática nos põe frente a trabalhos de aventura, onde o espírito corre solto. **Trabalhos de viajantes.**

Na nota de apresentação de Alexandre Eulalio a **Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos**, ele se refere a Brito Broca da seguinte maneira:

"Brito Broca foi um viajante - um cometa, conforme se dizia. Viajava pelos livros, pelos países, e prestava contas, por escrito, ao Gerente, essa individualidade indefinida e invisível, ao que parece insaciável, que dele sempre exigia mais".

Por outro lado, Alexandre, em 1963, recebe o "prêmio Brito Broca" instituído pelo **Correio da Manhã**, em homenagem à memória do jornalista morto dois anos antes, com o trabalho "O Ensaio Literário no Brasil" (até hoje inédito), e assina esse ensaio com o pseudônimo **Capangueiro**. Esse pseudônimo exprime bem o orgulho que Alexandre tinha de suas origens mineiras, mas exprime também as andanças do antigo comprador de diamantes que ia pelas lavras afora escolhendo pedras nos garimpos.

O certo é que Brito Broca e Alexandre Eulalio são movidos pela divagadora curiosidade do viajante disponível e de espírito inquieto que trabalha no sentido de expandir territórios.

A admiração narcísica pelo semelhante não diminui o valoroso empenho empreendido por Alexandre no sentido de recuperar e publicar os escritos do amigo que constituem obra de referência e consulta indispensável para todo aquele que se interesse pela memória viva de nossas coisas.

É graças, em grande parte, à sua determinação, que estamos reunidos nesse seminário, navegando nessas águas.

NOTAS

1. Neste trabalho pretendo destacar a leitura que Alexandre Eulalio faz de Brito Broca e, para isso, utilizarei tanto os textos de Alexandre que acompanham as publicações de Brito Broca, o seu prefácio a **Românticos, Pré Românticos, Ultra Românticos**, como outros textos de jornal e conferências que se encontram no CEDAE.
2. Trata-se da conferência de abertura da Semana em homenagem a Brito Broca, em Guaratinguetá, 1965. encontra-se no Acervo Alexandre Eulalio, CEDAE.
3. Ver nota (2)
4. In Conferência em homenagem a Brito Broca, Guaratinguetá, 1965. Encontra-se no CEDAE, acervo Alexandre Eulalio.